

Coleção **anamaria
machado**



Coleção **anamaria
machado**





*Tudo ao mesmo
tempo agora*

Ilustrações

André Neves

Tudo ao mesmo tempo agora
© Ana Maria Machado, 1997

Diretor editorial
Editora
Editor assistente
Coordenadora de revisão
Revisora

Fernando Paixão
Carmen Lucia Campos
Marcia Camargo
Ivany Picasso Batista
Alessandra Miranda de Sá
Ana Luiza Couto



ARTE

Projeto gráfico
Editora
Editor assistente
Edição eletrônica
Edição eletrônica de imagens

Victor Burton
Suzana Laub
Antonio Paulos
Ana Paula Brandão
Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.
M129t

Machado, Ana Maria, 1941-
Tudo ao mesmo tempo agora / Ana Maria Machado ;
[ilustrador André Neves]. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2004.
160p. : il. -(Coleção Ana Maria Machado)

ISBN 978 85 08 08958-1

1. Literatura infantojuvenil. I. Neves, André. II. Título. III.
Série.

07-3623.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 08958-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 08959-8 (professor)

2013
1ª edição
13ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2004
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



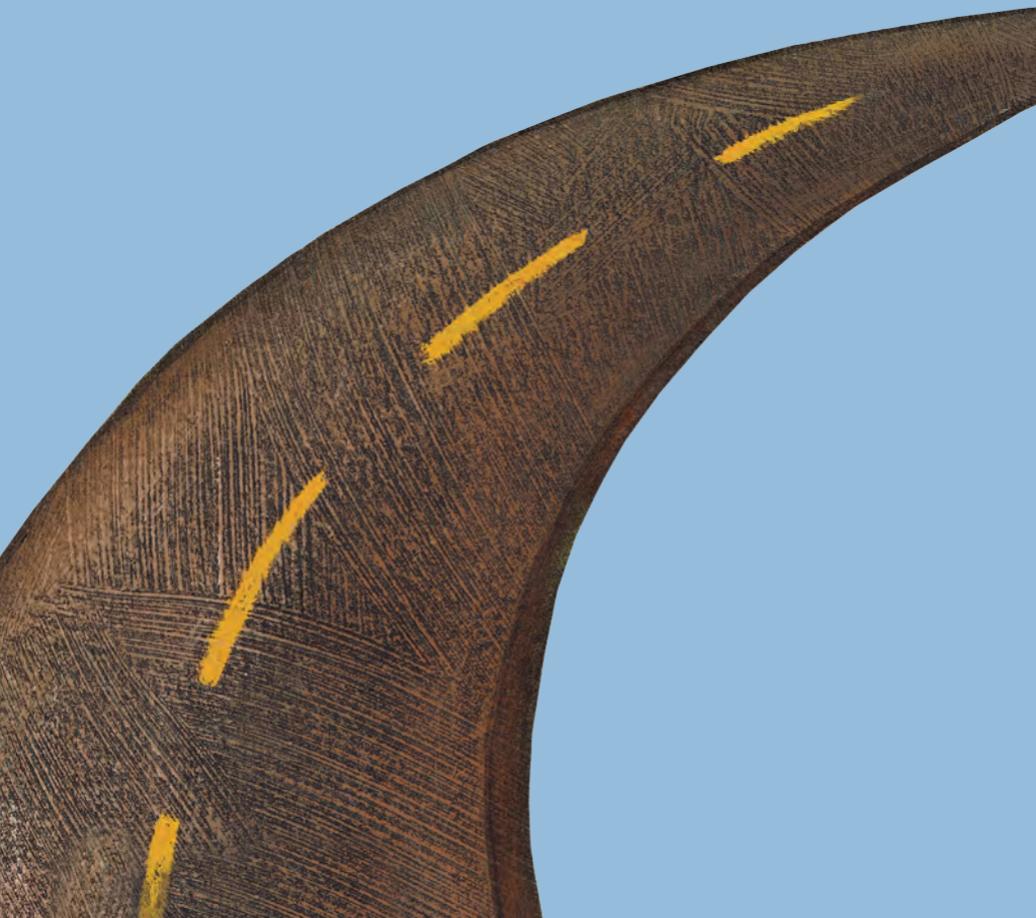


Quando Marina foi punida por ter passado cola para Solange e Andreia e, ainda por cima, os colegas a criticaram por falta de coleguismo, lá estava Jajá, defendendo a amiga. Também foi ele o primeiro a questionar o método de seleção para o torneio intercolegial. Sem falar na questão Adriana *versus* Mirella Morel – seu empenho foi fundamental para o bom desfecho do caso. Assim era Jaílson, o Jajá: estava sempre pronto a reagir às injustiças. “Não é justo!”, vivia bradando.

Amigo fiel, apaixonado por surfe, de uma integridade a toda prova, Jajá é o fio condutor desta história que discute a ambiguidade de valores como verdade, justiça, solidariedade e ética. Ele e seus amigos, Marina, Rafael, Cíntia e Antonio, colegas de colégio, vão atravessar uma série de situações complicadas ao longo do ano letivo. Nesta convivência, descobrirão o sentido da amizade, o respeito à busca de ideais, a importância do esforço.

Praia, namoro, trapanças, diferenças sociais, aparências, sucessos, os desafios do amadurecimento são os ingredientes desta história. Ana Maria Machado presta uma homenagem ao tempo do adolescente, com sua ansiosa sede de viver todos os momentos, e à sua garra de querer remover montanhas para consertar o mundo.

*A Rafael, Tiago, Lucas e Victor,
que dominam os segredos das ondas.
A Diogo, companheiro em uma dura
busca de justiça.*



“Uma coisa de cada vez
Tudo ao mesmo tempo agora”

(Titãs)

M





Sumário

1. *Mink e Monk* II
 2. *Lunetas xeretas* 19
 3. *Juju volta a atacar* 27
 4. *Nã hora da raiva* 39
 5. *É só querer?* 53
 6. *Cruzeiro do Sul em Cerro Azul* 65
 7. *Uma coisa de cada vez* 81
 8. *Fome e sede de justiça* 93
 9. *Falatório de aniversário* 103
 10. *Um presente da memória* 115
 11. *Uma surpresa e um monte de beijos* 123
 12. *Um ano com três Natais* 135
- anamariamachado** *com todas as letras* 149
- Biografia* 150
- Bastidores da criação* 154



1 *Mink e Monk*

Ano novo, agenda nova.

A do ano passado já ia se juntar às anteriores, no fundo da prateleira de cima do armário. Mas antes era hora de abrir a que ganhara no Natal e se preparar para o ano que começava.

Marina colou logo um adesivo bem escolhido no dia 8 de setembro. Pegou um jogo de canetas novas, que também tinha ganho, e escreveu com letras caprichadas, cada uma de uma cor: MEU ANIVERSÁRIO. Era por onde sempre gostava de começar suas agendas. Dava sorte.

Depois, em letras menores, marcou o aniversário do pai, o da mãe e o do Rafael – e colou em cada página uma estrelinha. Achou pouco, procurou também uns minicorações em outra cartela, viu que ainda tinha bastante, tirou três e distribuiu pela família. Hesitou um pouco na folha do irmão... mas, enfim, mesmo que o Rafa não merecesse muito, a agenda merecia.

Ficava mais bonita assim. E ela sempre podia fazer como no ano passado, quando na primeira briga que teve com ele colou uma caveira em cima da florzinha que marcava a data. Mas ultimamente ele estava menos implicante. Quem sabe se este ano não ia ser melhor?

Até aí, eram os aniversários que sabia de cor. Agora vinham os outros – avós, primos, amigas. Abriu a agenda velha para conferir e ir copiando. Acabou levando um tempão relendo coisas que tinha anotado no outro ano, lembrando de tristezas e alegrias, raivas e gargalhadas, fatos e emoções que aquelas frases traziam de novo. Poucas frases, que ela não era boba de ficar fazendo diário e se arriscar a alguém pegar, ler e ficar sabendo de toda sua vida. Às vezes marcava alguma coisa num código, mas em geral eram só frases curtas e lembretes. Mas ela entendia. Era o que importava.

Era só olhar, por exemplo, FESTA DA MANUELA, com aquelas cinco estrelinhas do lado, e aquele exagero de pontos de exclamações (***** era sempre a lembrança de algum garoto superdemais). Lembrava bem da empolgação que teve quando conheceu na festa o Renato, primo da Manu, e eles dançaram, conversaram na varanda, ficou um clima gostoso. Mas quando, numa página da semana seguinte, escreveu O GATO É GALINHA e fez o desenho dos dois bichos com um sinal de igual entre eles, já tinha descoberto que pelo menos umas três meninas da turma tinham caído na mesma conversa, acreditado nele, imaginado que eram especiais. E o estouro dos encantos do Renato ficou para sempre marcado na agenda: uma fileira de bombas desenhadas na última linha dessa mesma página, redondas e pretas, com o pavio saindo para a direita e um monte de risquinhos em volta, como se fos-

sem raios. Não precisava de muitas frases. Para Marina, a história daquele encontro e desencontro estava toda ali, naquelas duas páginas. Viradas, ainda bem. Não gostava de dar espaço para quem não merecia. Nem na agenda nem na vida mesmo. Só que às vezes, na realidade, não era tão fácil. Mas não custava tentar. De tanto dizer que certos lances (ou pessoas) não tinham importância, quem sabe se um dia não acabava convencendo a si mesma? E aprendendo a se machucar menos.

Mas essas eram coisas que só iam sendo escritas e desenhadas à medida que iam acontecendo. Agora, no começo do ano, era só mesmo marcar o que estava previsto. *Aniversário. Carnaval. Volta às aulas. Feriado.* Logo na semana seguinte, *Dentista.* Ainda faltavam uns dez meses para poder tirar o maldito aparelho – se é que a doutora Elisabeth não ia inventar de deixar mais tempo, como tinha acontecido com a Cíntia. Não, não dava nem para pensar nisso...

Melhor voltar à agenda. Primeira página. Nome completo. Apelido? Não tinha. Colégio: punha tudo, Eça de Queirós? Ou só Eça, como eles sempre diziam? Resolveu escrever o nome todo, ao menos uma vez no ano. 8ª série, turma 81. Quer dizer, não tinha certeza, ainda não tinham distribuído as turmas, mas devia ser, porque era 71 no ano que tinha acabado dois dias antes. Marina foi preenchendo. Depois, endereço. Rua, número, apartamento, telefone, código postal. Aí vinha uma parte de dados pessoais. Os caras que fizeram a agenda queriam saber tudo, altura, peso, perguntavam até a cor predileta... Não tinha nada a ver. Ela teve uma ideia. Pegou uma etiqueta branca lisa, cortou em tirinhas e foi cobrindo o que já estava impresso na agenda, deixando só as linhas para preencher. Resolveu completar o endereço à sua moda. Bairro, cidade, estado. Foi conti-

nuando. Brasil. América do Sul. Hemisfério Ocidental (para alguma coisa serviram aquelas aulas de geografia do Vicente, havia milênios...). Terra. Sistema Solar. Galáxia... como chamava nossa Galáxia? Tinha algum nome especial? Melhor pular, passar direto para Universo. Será que havia alguma outra coisa que ela tinha esquecido?

Caneta na mão, levantou os olhos da agenda e ficou, meio pensativa, olhando pela janela. Apagou a luz e foi contemplar as estrelas. Com as luzes da cidade acesas, não dava mesmo para ver muita coisa no céu, só um ou outro ponto mais brilhante, e um fiapinho de lua. Será que, em outro lugar, outra menina nessa mesma hora estava fazendo a mesma coisa? Outro menino? Será que, exatamente nesse mesmo lugar, em algum tempo muito antes, uma outra pessoa que morasse por ali tinha ficado também assim olhando as estrelas e suspirando por alguma coisa que queria? Muito antes de que existissem essa cidade e esse prédio? Alguém bem jovem, da idade dela? Uma sinhazinha, uma índia, uma escrava?

Às vezes, o pensamento de Marina saía viajando assim, tão longe que até dava tontura... Mas não conseguia deixar de dar graças a Deus, de achar uma maravilha e um espanto que no meio de um espaço infinito, num tempo eterno, justamente naquela hora e naquele lugar ela estivesse existindo. Ela, Marina Campos Neves. Bem desse jeito que era. Vivendo coisas tão importantes como uma agenda nova ou a lembrança de um gato na varanda.

Ou será que isso não tinha importância nenhuma? Para ela, tinha, claro! E devia ter para o mundo inteiro também. Porque, se na natureza tudo o que existe acaba se ligando ao resto, como todo mundo está farto de aprender quando estu-

da ecologia e meio ambiente, então deve ocorrer o mesmo com as pessoas de uma cidade, de um país, de uma época. Qualquer coisinha que acontece na vida de uma acaba mexendo com a vida das outras. Se ninguém tivesse agenda, por exemplo, ia ficar uma bagunça, as pessoas esqueciam os compromissos, deixavam os outros esperando, dava a maior confusão. Se ninguém comprasse agenda, os fabricantes iam ter prejuízo, muita gente ia ficar desempregada com as fábricas fechadas, ia ser preciso derrubar menos árvores para fazer papel... epa! Será mesmo? Será que até a natureza ia ser afetada por causa de um gesto à toa de uma menina sonhadora? Mas também ia haver menos projetos de reflorestamento, menos árvores sendo plantadas... Ai, impossível saber... Dava até cansaço imaginar. Melhor ir dormir.

Pouco depois, já deitada, Marina se lembrou de uma vez em que a turma toda do prédio tinha ficado olhando a lua pela luneta. No terraço da casa da Cíntia, que morava no último andar e tinha um pai advogado mas com mania de astronomia – ou um irmão que gostava de espiar as pessoas dos prédios vizinhos pela janela, como o Rafa garantia. Naquela noite, Marina tinha perguntado:

– Será que tem alguém com uma luneta olhando também para nós?

– Na lua? – estranhou Cíntia. – Ou em outros prédios?

– Em qualquer lugar...

– Vai ver, tem um bando de marcianos: Mank, Menk, Mink, Monk e Munk... – implicou Rafael. – Todos chorando e chamando a mãe, com medo dessa visão horrível que estão tendo, desse monstro de sorriso metálico, com essa sua boca cintilante virada para eles.



Ridículo aquele irmão! Não dava nem para a gente conversar a sério... Vivia encarnando no aparelho dela. Como se ele mesmo fosse alguma perfeição, algum modelo de beleza, com aquele nariz grande e aquela cara toda cheia de espinhas. Só tinha mesmo eram os dentes certinhos, sem precisar de aparelho. O maior azar – nesse ponto Marina puxou à mãe –, ele saiu ao pai.

Mas agora, antes de dormir, Marina lembrava da conversa daquela noite. De vez em quando pensava nisso. Como seria a sua vida de todo dia, para quem conseguisse ver de fora, de longe? Claro que sabia que esse bando de marcianinhos não exis-

tia, olhando para ela e seus amigos o tempo todo. Mas o que é que uma Mink imaginária ou um Monk inexistente iam pensar dela? O que será que eles iam achar da vida daquelas pessoas todas, morando empilhadas numa caixa de cimento, um prédio de três andares a dois quarteirões da praia, numa cidade brasileira tão cheia de gente? Como será que eles viam aquelas cinco famílias? A da Cíntia, na cobertura, ocupando todo o terceiro andar, com seu terraço ajardinado onde até tinha luneta... A dela mesma, no 202, com o Rafael no quarto dele ouvindo um som alto (na certa vendo revista de surfe ou de mulher pelada), e ela ali colando adesivo em agenda. A do Augusto César e da Mirella Morel, no 201, com toda certeza só com a empregada em casa àquela hora, artista sai muito, e os dois agora estavam com uma peça em cartaz e trabalhando na novela. A do síndico, seu Euclides e dona Cecília, bem embaixo do apartamento dela, no 102, com aquela criançada, até bebê pequeno que às vezes chorava de noite. A da Bia e da Marta, no 101, que dormiam cedo porque o colégio delas era bem mais longe e elas madrugavam para pegar o ônibus...

Muito assunto para Mink e Monk se distraírem...

